

RUSSO, M. Sorrento. Una nuova iscrizione paleoitalica in alfabeto 'Nucerino' e altre iscrizioni arcaiche dalla Collezione Fluss. Capri: *Oebalus* – Associazione Culturale e Casa Editrice, 2005, 124 p., 50 ils.

*Maricé Martins Magalhães**

Depois de um decênio de incansáveis estudos e busca de confrontos, finalmente são decifradas, interpretadas e mostradas ao público douto as inscrições paleo-italica e etruscas, até então inéditas, grafitadas sobre os famosos vasos da chamada *Coleção Fluss* de Sorrento (Região Campânia, Itália Meridional). Este precioso trabalho é obra do Prof. Mario Russo, curador da Seção Arqueológica e da Biblioteca do *Museo Correale di Terranova* em Sorrento, já conhecido pela decifração da não menos importante inscrição rupestre em osco encontrada em *Punta della Campanella*, também localizada na Península Sorrentina; como arqueólogo, este estudioso vem dedicando os últimos vinte anos, com grande afinco, às pesquisas arqueológicas na Península e trazendo resultados significativos para o conhecimento da história das populações que aí viveram em épocas pré-romana e romana.

As novas inscrições apresentadas no volume – juntamente com o trabalho de ordenação e de releitura comentada daquelas já existentes – fornecem valiosas informações sobre o sistema escritório encório e sobre a

*Quando propôs a resenha, era então professora visitante da Faperj no Laboratório de História Antiga (LHIA) e no Programa de Pós-graduação em História Comparada (PPGHC) do Departamento de História da UFRJ. Atualmente, é pesquisadora no Museu Histórico Nacional.

morfologia do paleo-itálico, além de esclarecimentos interessantes sobre a presença etrusca na região por volta do final do século VI a. C. e as relações interétnicas entre estes e os indígenas itálicos, com quadros cronológicos realmente esclarecedores.

A *Coleção Fluss* formou-se na primeira metade do século passado, quando o seu proprietário homônimo começou a colecionar objetos provenientes da *villa* de Agripa Póstumo da zona do *Athenaion* de *Punta della Campanella*. Além de adquirir, nos anos 1920, outros materiais oriundos da necrópole periférica arcaica de *Sottomonte*, também este colecionador teria reunido nos anos subsequentes objetos vários que chegavam às suas mãos através de ofertas ou que ele próprio escolhia nas ocasiões de desterrados que se efetuavam na Península... Por isso, as peças mostradas no volume são desprovidas de dados anagráficos seguros, que lhes forneçam uma proveniência precisa, se bem que não existam dúvidas quanto a sua localização original em algumas das necrópoles arcaicas sorrentinas.

Primeiramente o estudioso analisa a *coppa* ('copa' ou 'escudela' é o nome empregado pelo autor em toda a obra para nomear os suportes de manufatura itálica, certamente o equivalente ao grego *phiale*) em cerâmica de *bucchero* negro pesado, que traz inciso um grafite com inscrição paleo-itálica em alfabeto dito 'Nucerino' (ou proto-osco), datável pela tipologia e pela análise dos 19 sinais alfabéticos e diacríticos, ao final do século VI-início do V a.C. O texto seria preferivelmente interpretado como: / *rufieis* / / *pafieis* // = "(sou) de Rufio, (filho) de Pafio". Ainda neste capítulo, são feitas importantes considerações de caráter lingüístico e paleográfico, bem como observações sobre as 'fórmulas de possessão' comuns nas epígrafes deste gênero. No Capítulo 2 (em Apêndice) e pela primeira vez, é oferecido ao público douto um *corpus* bem substancial e ordenado, com todas as inscrições até hoje encontradas neste tipo de alfabeto também dito 'encórico' ou proto-campano, bem como dos sinais isolados incisos esporadicamente.

A terceira parte da obra, bastante original, é dedicada à decifração de outro grafite sobreposto àquele com a inscrição paleo-itálica, sobre a mesma escudela, composto de 11 sinais. De fato, o autor constatou que esta segunda incisão já era em língua e alfabeto etruscos arcaicos, o que poderia implicar uma reutilização do cálice para fins funerários por outro elemento étnico, em um momento posterior, o que também poderia denotar, se assim fosse, uma situação de bilingüismo e de coexistência na zona. O texto, com

todas as dificuldades que oferece, é interpretado assim: *vu[.Ji[.Ju ti[t]ei*, no qual seria identificável somente o difundido nome etrusco *tite*, na forma gentilícia.

O estudioso ainda nos mostra um segundo documento (no Capítulo 4), também grafitado sobre uma outra pequena escudela ou prato carenado em cerâmica de *bucchero* negro de fabricação campana, cuja tipologia é bem conhecida na região. Da mesma maneira minuciosa se dedica à análise de cada um dos seis sinais, que se enquadram no âmbito etrusco em fins do século VI-início do V a.C. O texto apresenta: *arvles* = “(sou) de Arvle”. Segue em um Apêndice (Capítulo 5) um *corpus* todo novo, contendo todas as inscrições em alfabeto etrusco ‘modificado’, encontradas na região, inclusive com propostas de releituras bem convincentes.

De grande valor para atualizar os nossos conhecimentos sobre o quadro lingüístico e étnico das populações da Campânia Meridional, é o Capítulo 6, principalmente no que diz respeito às conclusões sobre as relações entre as populações indígenas que habitavam o território (compreendido entre a Península Sorrentina, *Nuceria* e Pompéia) com gregos e etruscos. Antes de tudo, fica bem demonstrada a heterogeneidade das tradições escritórias presentes ali desde a idade arcaica até o século IV a.C.: uma língua itálica aparece autônoma e em um alfabeto elaborado localmente, com uma tendência a adequar-se à nova realidade da presença etrusca que se registra no final do século VI a.C., num processo de continuidade lingüística (antes desconhecida) como instrumento de comunicação e de aceitação interétnica. Defronte à comunidade política grega da vizinha Cumas e aquela etrusca de Cápua e Nola, emerge entre o final do século VII e início do VI a.C. um componente étnico itálico com hegemonia e como maioria nos centros da Campânia Meridional, conseguindo conservar também a sua liderança política. Não obstante seja inegável a forte presença etrusca, assentada ou empórica, ela é somente a promotora de uma maior vivacidade de intercâmbios entre a costa e o interior, e ponte entre a própria Etrúria no centro-norte e a Magna Grécia ao sul.

O volume é ricamente ilustrado com fotografias coloridas e de excelente execução (por Gianfranco Capodilupo), dado ainda o grau de dificuldade de fotografar em *close* tal material e grafites assim diminutos; exaustivos, didáticos e ‘milimétricos’ são ainda os apógrafos de cada uma das inscrições, elaborados pelo autor e por Marina Pierobon do *Centre Jean*

Bérard di Napoli. Enfim, o mérito da paciente e competente paginação gráfica deste trabalho, assim como da reelaboração das figuras e dos sinais alfabéticos itálicos, é de Felice Senatore.